

Lourenço acusa ministros do PMDB de discriminação

Mais do que novos cargos no governo, o PFL quer uma convivência pacífica dentro da Aliança Democrática, disse em seu gabinete da Câmara, o líder do partido na Constituinte, deputado José Lourenço. Ele afirmou ignorar a informação de que o Planalto entregaria diversas diretorias da Caixa Econômica Federal, Banco da Amazônia, IBDF e Inbra ao partido. Esse acordo foi acertado, na semana passada, entre o presidente Sarney e dirigentes do PFL.

Lourenço explicou que não estava mais defendendo o rompimento da Aliança Democrática porque "o discurso vai mudando com as conversas". No entanto, repetiu que está muito difícil para os pefelistas continuarem apoiando o governo: "O problema não é de cargos, mas de convivência com os ministros do PMDB, que alimentam e afagam quem faz oposição ao governo. Nós, que apoiamos o Planalto, temos tratamento de opositores da parte deles. Enquanto isso, quem faz oposição tem tratamento de governista por parte desses ministros".

Críticas — O deputado não quis explicar a que ministros se referia. No entanto, não poupou críticas ao ministro da Previdência So-

cial, Raphael de Almeida Magalhães, pela compra de 300 apartamentos, em Brasília, para serem usados por funcionários da pasta, compra que, segundo ele, foi feita sem concorrência. Lourenço acrescentou ainda que Raphael determinou agora a compra de mais 600 ambulâncias e acrescentou: "Deve ser para a transferência dos funcionários do Inamps do Rio para Brasília".

Lourenço disse que gostaria que os deputados do seu partido tivessem dos ministros do PMDB o mesmo tratamento dado pelos ministros do PFL aos representantes pemedebistas. Como exemplo, citou os elogios feitos pelo deputado Paulo Mincaroni (PMDB-SC) ao ministro da Educação, Jorge Bornhausen. Segundo o líder, o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, tem sido criticado pela bancada por dar atenção demais aos pedidos de pemedebistas.

O deputado informou que o presidente nacional do partido, senador Marco Maciel, estará hoje com Sarney, para discutir as garantias que os pefelistas terão para continuar apoiando o governo.

Quércia e Sarney discutem reunião

SÃO PAULO — A Constituinte e um balanço do resultado da convenção do PMDB serão os principais assuntos da conversa que o presidente José Sarney terá amanhã com o governador Orestes Quércia, durante almoço no Palácio da Alvorada. Preocupado em articular um encontro com os outros 21 governadores do PMDB, Quércia quer saber o que Sarney pensa da idéia e quais suas expectativas em relação à Constituinte.

O almoço foi marcado na segunda-feira da semana passada. Na véspera, Quércia e outros seis governadores — Pedro Simon (RS), Waldyr Pires (BA), Moreira Franco (RJ), Marcelo Miranda (MS), Miguel Arraes (PE) e José Aparecido (DF) — haviam concluído, em jantar, que era necessário montar um novo esquema político de apoio ao presidente.

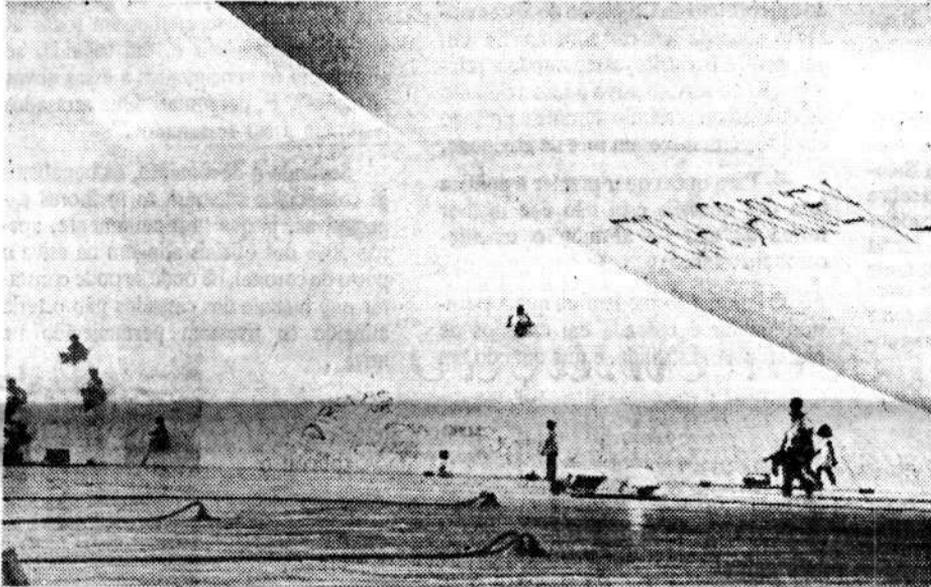
Quércia intensificou os contatos com seus colegas de outros estados. Ontem, em audiências dadas a deputados federais do

PMDB paulista, começou a elaborar uma lista de temas delicados da Constituinte, para compará-la com as que os outros governadores estão fazendo.

"É importante manter o diálogo com as lideranças políticas do partido para chegarmos ao meio-termo na Constituinte. Os governadores não podem fugir de sua responsabilidade na elaboração da nova Constituição, até para evitar complicações no futuro", disse.

Os governadores pemedebistas estão também empenhados em impedir o avanço do PFL na máquina administrativa federal. Quércia não escondeu o desagrado com as notícias de que o presidente Sarney distribuiria cargos de segundo escalão entre pefelistas. "Acho que não se deve mexer nos ministérios do PMDB. Se os partidos quiserem apoiar o governo, tudo bem. Mas o governo não pode fazer concessões." Esse é outro recado que ele levará amanhã, ao Alvorada.

Brasília — Luis Antônio Ribeiro



Ulysses acha que Aliança já é grande

BRASÍLIA — Quarenta e oito horas depois de ter defendido em entrevista a ampliação da Aliança Democrática, o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, voltou atrás e declarou que a atual base de sustentação política do governo José Sarney lhe dá uma "maioria folgada e tranqüila dentro do Congresso, que nenhum presidente teve até hoje na história do país".

— Eu nunca disse isso. Quem está dizendo isso é a imprensa — afirmou Ulysses, negando o que dissera ao sair do seu encontro com Sarney, no sábado, no sítio de Pericumã.

O deputado chegou a se irritar com a insistência dos repórteres sobre a ampliação da Aliança e respondeu assim à pergunta se, com isso, estava dispensado o apoio do PTB, partido que se ofereceu para se aliar a Sarney:

— Vocês também me fazem cada pergunta. Eu não posso falar pelos outros partidos. Se vocês me perguntarem sobre coisas do PMDB, como por exemplo quem quer entrar no partido, aí eu respondo.

— Bom, então o que o sr. acha da pretensão do prefeito Jânio Quadros em filiar-se ao PMDB? — perguntou um repórter.

— Não sei. Esse assunto é do diretório do PMDB de São Paulo — respondeu rapidamente Ulysses.

Covas — O presidente José Sarney pode e até deve tentar expandir o número de partidos que integram o governo, desde que na nova composição "não abra mão dos compromissos que firmou perante a opinião pública", disse em São Paulo o líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas.

As monótonas sessões da Constituinte, numa fase em que não há votações, não impedem que a insatisfação com o governo Sarney seja estampada de formas mais explícitas no próprio Congresso Nacional. Ninguém sabe como, mas as cúpulas que simbolizam, no prédio do Congresso, a Câmara dos Deputados e o Senado Federal, amanheceram ontem com vistosas pichações de "Fora Sarney". Ponto turístico obrigatório em Brasília, o Congresso recebe nessa época de férias muitos estudantes. A cena histórica do povo subindo a cúpula do Senado no dia da eleição de Tancredo Neves parece já estar esquecida, dando vez agora à insatisfação com a Nova República. A direção da Câmara determinou que seus funcionários comessem imediatamente a apagar a pichação.